

BORO EM GRAMÍNEAS COLETADAS EM FORTALEZA, CEARÁ, BRASIL.

Segundo BRENCHLEY⁽⁵⁾, a ocorrência de boro em vegetais foi constatada pela primeira vez por WITTS-STEIN e APRIGER, em 1857. Em 1895 já se aceitava a presença regular deste elemento em tecidos vegetais⁽⁸⁾.

BERTRAND⁽³⁾, em 1903, recomendava o uso de sais de boro como um dos componentes dos adubos.

AGULHON(1) chegou à conclusão, em 1910, que o boro era provavelmente essencial para o desenvolvimento normal de certas plantas, assim como era tóxico, mesmo quando presente em quantidades relativamente baixas. O reconhecimento do papel essencial do boro na nutrição do milho e na nutrição das leguminosas, deve-se, respectivamente, a MAZE(9) e a WARRINGTON(14). O boro foi reconhecido como essencial para todas as plantas, graças aos trabalhos de SOMMER e LIPMAN (11) e de BRENCHLEY e WARRINGTON (4) publicados em 1926 e 1942, respectivamente.

Em alguns países, as determinações de boro fazem parte da rotina das análises de plantas. No Brasil, alguns pesquisadores(7,18) já estão incluindo este elemento nos resultados das análises de vegetais.

O presente trabalho é concernente

DAS EM FORTALEZA, CEARA, BRASIL.

JOSÉ CAMPOS ACCIOLY *

MARIA JOSÉ HOLANDA CAVALCANTE **

à determinação quantitativa de boro em 100 gramíneas nativas ou exóticas, coletadas no Mostruário Vivo de Plantas Forrageiras do Centro de Ciências Agrárias do campus da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, Ceará, Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

As amostras foram coletadas no Mostruário supra citado, durante a primeira quinzena do mês de janeiro de 1972. Resultaram da coleta da parte aérea total (folhas e caules) do vegetal no estado verde. A metodologia adotada para a coleta, preparação da amostra e determinação da umidade residual foi a preconizada pela A.O.A. C.(2).

A destruição da matéria orgânica foi feita em forno de mufla à temperatura de 500°C, durante tempo suficiente para que se obtivesse cinza isenta de carbono.

O boro foi determinado pelo método potenciométrico segundo SCHRARRER e GOTTSCHALL(10), FOOTE(6) e WILCOX(15, 16, 17).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os teores de boro encontrados em 100 gramíneas são mostrados na Tabela I. A expressão dos resultados analíticos adotada neste trabalho é ppm (partes por milhão), referido à matéria seca a 105°C.

* Professor do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, Brasil.

** Técnico da Universidade Federal do Ceará
e do Convênio BNB-UFC.

Os teores de boro variaram desde 4,1 ppm até 22,6 ppm, com um valor médio de 9,2 ppm, verificando-se que apenas 3% das gramíneas apresentaram teores superiores a 13,9 ppm.

KIRCHGESSNER, citado por UNDERWOOD⁽¹²⁾, encontrou em pastos formados por gramíneas teores de boro que oscilaram de 4 a 7 ppm.

ZUNIGA et al.⁽¹⁸⁾, estudando 13 gramíneas forrageiras, encontraram teores de boro que variaram desde 0 (zero) até 7 ppm, com um valor médio de 4 ppm.

CONCLUSÕES

Em face dos resultados obtidos, pode-se constatar que os teores de boro em gramíneas, encontrados pelo autor do presente trabalho, são relativamente superiores aos verificados por outros pesquisadores.

Tendo em vista que nenhuma gramínea analisada apresentou sintomas de carência ou de intoxicação, descritos por WALLACE⁽¹³⁾, pode-se concluir que os níveis de boro em seus tecidos são satisfatórios para o desenvolvimento normal destes vegetais.

TABELA I Boro na Parte Aérea Total (Folhas e Caules) de Gramíneas, Fortaleza, Ceará, Brasil. 6.1972.

Nome científico	BORO ppm. ref. à mat. seca a 105°C
<i>Andropagon gayanus</i> Kunth	12,5
<i>A. intermedius</i> R. Br.	5,4
<i>Anthephora hermaphrodita</i> Kuntze	10,9
<i>Axonopus compressus</i> Beauv.	10,9
<i>A. scoparius</i> (Flugge) Hitchc.	12,7
<i>A. sp.</i>	13,4
<i>Brachiaria brizantha</i> Stapf.	6,8
<i>B. decumbens</i> Stapf	12,6
<i>B. mutica</i> (Forsk.) Stapf	11,3
<i>B. mutica</i> (Forsk.) Stapf	7,6
<i>Cenchrus biflorus</i> Roxb.	5,1
<i>C. ciliaris</i> DC.	6,2
<i>Chloris distichophylla</i> Lag.	5,4
<i>C. gayana</i> Kunth	8,5
<i>C. gayana</i> Kunth	10,7
<i>C. virgata</i> Swartz	4,7
<i>Cynodon dactylon</i> L.	4,8
<i>C. dactylon</i> (L.) Pers.	7,3
<i>C. dactylon</i> (L.) Pers.	5,3
<i>C. dactylon</i> (L.) Pers.	5,9
<i>C. pectostachyum</i> (Schum.) Pilger	8,0
<i>Dactyloctenium aegyptium</i> (Rich.)	5,2
<i>Digitaria decumbens</i> Stent	11,7
<i>D. diversinervia</i> Stapf	6,9
<i>D. sp.</i>	10,3
<i>D. swazilandensis</i> Stent	22,6
<i>D. valida</i> Stent	9,3
<i>Echinochloa polystachya</i> (Nees) Hitchc.	12,4
<i>E. polystachya</i> (Nees) Hitchc.	10,8
<i>Elionurus hirsutum</i> Munro	7,1
<i>Eragrostis chloremelas</i> L.	5,5
<i>E. curvala</i> Nees	9,7
<i>Capim pangola</i>	6,9
<i>Capim pangolão</i>	
<i>Capim pangola gigante</i>	
<i>Canarana cabeluda</i>	
<i>Capim cacho roxo</i>	
<i>Capim lanoso</i>	
<i>Boer lovegrass</i>	
<i>Capim chorão</i>	

<i>E. soperba</i>		10,9
<i>Erichloa annulata</i> Kunth		12,4
<i>E. polystachya</i> (H.B.K.) Hitchc.		10,1
<i>E. sp.</i>		8,0
<i>Hyparrhenia rufa</i> Stapf		13,1
<i>H. rufa</i> Stapf		12,4
<i>Melinis minutiflora</i> Beauv.		9,5
<i>M. minutiflora</i> Beauv.		6,8
<i>Panicum antidotale</i> Retz.		6,2
<i>P. coloratum</i> L.		11,6
<i>P. decompositum</i> R. Br.		8,4
<i>P. deustum</i> Bichell et. E. ex Munl		5,1
<i>P. maximum</i> Jacq.		6,5
<i>P. maximum</i> Jacq.		5,9
<i>P. maximum</i> Jacq.		4,1
<i>P. maximum</i> Jacq.		12,6
<i>P. maximum</i> Jacq.		9,6
<i>P. maximum</i> Jacq.		10,4
<i>P. maximum</i> Jacq.		13,5
<i>P. repens</i> L.		8,0
<i>P. repens</i> L.		11,0
<i>P. sp.</i>		6,8
<i>P. sp.</i>		4,3
<i>Paspalum conjugatum</i> Berg		12,1
<i>P. maritimum</i> Trin.		17,9
<i>P. millegrana</i> Schrad.		10,4
<i>Paspalum notatum</i> Flugge		7,4
<i>P. notatum</i> Flugge		7,8
<i>P. plicatum</i>		11,2
<i>P. sp.</i>		12,7
<i>P. sp.</i>		6,7
<i>P. vaginatum</i> Swartz		13,1
<i>Pennisetum purpureum</i> Schum.		7,3
<i>P. purpureum</i> Schum.		11,9
<i>P. purpureum</i> Schum.		6,6
<i>P. purpureum</i> Schum.		12,7
<i>P. purpureum</i> Schum.		5,2
<i>P. purpureum</i> Schum.		9,0
<i>P. purpureum</i> Schum.		8,1
<i>P. purpureum</i> Schum.		7,4
<i>P. purpureum</i> Schum.		10,2
<i>P. purpureum</i> Schum.		10,6
<i>P. purpureum</i> Schum.		6,9
<i>P. purpureum</i> Schum.		11,9
<i>P. purpureum</i> Schum.		9,9
<i>P. purpureum</i> Schum.		10,2
<i>P. purpureum</i> Schum.		10,3
<i>P. setosum</i> Rich.		6,8
<i>Rhynchelytrum roseum</i> (Nees.)		
Stapf et Hubb		8,0
<i>Saccharum</i> sp.		12,6
<i>S. spontaneum</i> L.		8,8
<i>Setaria scabrifolia</i> (Nees.) Kunth		5,5
<i>S. sphacelata</i> (Schum.) Stapf et Hubb.		9,1
<i>S. sphacelata</i> (Schum.) Stapf et Hubb.		8,1
<i>S. tenax</i> (Rich.) Desv.		6,2
Capim piranha		
Capim andrequicé		
Capim angolinha		
Canarana do Maranhão		
Capim Jaraguá		
Capim lageado		
Capim gordura branco		
Capim gordura roxo		
Blue panicgrass		
Capim macaricari		
Milheto da Austrália		
Capim panicum gigante		
C. Colonião Sul-Africano		
C. Colonião de Tanganica		
Capim Guiné		
Capim guinezinho		
Capim sempre verde		
C. s. verde de Sergipe		
Capim touceira		
Capim torpedo		
Grama de Castela		
Canarana fina		
Capim Santo Amaro		
Capim papuã		
Capim gengibre		
Capim açu		
Grama forquilha		
Capim pensacola		
Capim colchão		
Capim flexa		
C. milhã da praia		
Capim da praia		
Capim Camerum		
C. elefante mineiro		
C. elefante Napier IRI 241		
C. elefante Napier IRI 323		
C. elefante Napier IRI 328		
C. elefante Napier IRI 381		
C. elefante Napier IRI 382		
C. elefante Napier IRI 385		
C. elefante Napier IRI 534		
C. elefante Porto Rico		
Capim Taiwan 144		
Capim Taiwan 145		
Capim Uruckwona		
Capim elefante Napier		
Capim elefante Merker		
Capim elefante brasileiro		
Capim favorito		
Cana capim		
Cana forrageira		
C. rabo de raposa		
Capim marangá		
Capim napierzinho		
Capim visgo		

Nome científico	Nome vulgar	BORO ppm. ref. à mat. seca a 105°C
<i>Sorghum arundinaceum</i> Pers.	Capim amargoso	11,2
<i>S. sudanense</i> (Piper) Stapf	Capim Sudão	4,9
<i>S. vulgare</i> Pers.	Sorgo de grão	6,3
<i>S. vulgare</i> Pers.	Sorgo gigante	12,6
<i>S. vulgare</i> Pers.	Sorgo sart	13,6
<i>Sporobolus poiretii</i> Roem. et Schult.	Capim rabo de burro	12,4
<i>Steirachne</i> sp.	Capim de gaiola	7,2
<i>Tripsacum dactyloides</i> L.	Capim gigante	14,0
<i>T. laxum</i> Nasch.	Capim Guatemala	8,6
<i>Urochloa moçambicensis</i> (Hack) Dandy	Capim gunia	5,5
<i>Vetiveria odorata</i> Virey	Capim patichuri	9,5
<i>Zoysia tenuifolia</i>	Grama coreana	11,3

SUMMARY

The boron was determined in 100 grasses collected in Campus of the Federal University of Ceará, in Fortaleza, Ceará, Brazil.

The contents of boron varied from 4,1 ppm to 22,6 ppm, middle value 9,2 ppm.

Taking into account that the grasses showed no visual vestiges of boron deficiency or boron poisoning in the field, we concluded that the levels of boron in the plant tissues were satisfactory for the normal development of the grasses analyzed.

LITERATURA CITADA

1. AGULHON. 1910. "Comp. rend.", 150, 288.
2. ASSOCIATION OF OFFICIAL AGRICULTURAL CHEMISTS (1970). Official methods of analysis of the Association of Official Agricultural Chemists, William Horwitz, ed., XXII+1015 pp., Washington, D.C.
3. BERTRAND, G. 1903. "Chem. Zeit.", 49, 613.
4. BRENCLEY, W.E. et WARRINGTON, K. 1942. "Nature", 149, 196.
5. BRENCLEY, W.E. 1927. Inorganic plant poisons and stimulants, pp. 65, 83.
6. FOOTE, F.J. 1932. Determination of boron in waters. Method for direct titration of boric acid. Ind. Eng. Chem. Anal. Ed. 4: 39, 42.
7. GALLO, J.R. et al. 1974. Composição Química Inorgânica de Forrageiras do Estado de São Paulo. Anais da XI Reunião da Sociedade Brasileira de Zootecnia. Impren-
- sa Universitária da Universidade Federal do Ceará, p. 304.
8. H. JAY. 1895. "Compt. rend. acad. sci.". 121, 896.
9. MAZE, P. 1914. "Ann. Inst. Pasteur". 28, 21.
10. SCHARRER, K.U. et GOTTSCHALL, R. 1935. Zur Methodik der Bestimmung Kleinster Mengen Borsäure Zeitschr. f. Pflanzenern., Dueng. u. Bodenk, 39: 178, 197.
11. SOMMER, A.L. and LIPMAN, C.B. 1920. "Plant Physiol." 1: 231.
12. UNDERWOOD, E.J. 1962. Trace elements in human and animal nutrition, ed. Academic Press. New York and London, 429 pp.
13. WALLACE, T. et al. 1961. The diagnosis of mineral deficiencies in plants by visual symptoms, ed. Her Majesty's Stationery Office London 125 pp + 5 fig. + 312 gravures.
14. WARRINGTON, K. 1923. "Ann. Bot.", 37, 629.
15. WILCOX, L.V. 1938. Determination of boron in natural water and plant material. Ind. Eng. Chem. Anal. Ed. 2: 358-361.
16. ———. 1940. Determination of boron in plant material. An ignition-electrometric titration method. Ind. Eng. Chem. Anal. Ed. 12: 341-345.
17. ———. 1932. Eletrometric titration of boric acid. Ind. Eng. Chem. Anal. Ed. 4: 38.
18. ZUÑIGA, M.P.; SYKES, D.J.; FOSTER, J. R. e GOMIDE, J.A. 1967. Determinação do conteúdo de mineral de treze gramíneas forrageiras para corte. Rev. Ceres, Viçosa, 13 (77): 343-360.